

Folha de S. Paulo

21/5/1985

Trabalhadores iniciam paralisação antes do término das negociações

Do Correspondente em Ribeirão Preto

Pelo menos quatro mil dos 150 mil bóias-frias existentes na região de Ribeirão Preto (a 319 km de São Paulo) entraram em greve na manhã de ontem, antes mesmo de ter início, na DRT, em São Paulo, a rodada decisiva de negociações entre a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp) e a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (Faesp).

A paralisação teve início às 4h da madrugada, em Batatais (a 40 km de Ribeirão Preto), quando cerca de 1.200 dos 7.500 bóias-frias do município bloquearam o trevo de acesso à cidade, na rodovia Cândido Portinari, "pau-de-arara" seguissem para os canaviais. Menos de uma hora depois, o movimento eclodiu em Bebedouro, onde aproximadamente três mil dos dez mil apanhadores de laranja decidiram formar piquetes nas principais saídas da cidade.

A greve dos volantes de Batatais, que teve início com os trabalhadores do setor canavieiro, sofreu uma reviravolta ainda durante a formação dos piquetes: como o número maior de caminhões parados era o de bóias-frias que trabalham na colheita do café, as reivindicações passaram a ser feitas em torno do preço da saca colhida, do estabelecimento de diária mínima de Cr\$ 50 mil, registro em carteira e eliminação do "gato" (empreiteiro).

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Batatais, Otávio Sampaio da Silva, 70, que afirmou desconhecer a origem do movimento, atribuiu ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba e vice-presidente da Central Única dos Trabalhadores (Interior-2), José de Fátima Soares, 28, a responsabilidade pelo início da greve. "É uma jogada da CUT, que quer usar o Conclat como escada para ganhar projeção", acusou Otávio Sampaio, para quem José de Fátima "está aramando um esquema para tirá-lo do sindicato nas eleições de setembro".

O sindicalista de Guariba, que ontem esteve em Batatais coordenando a formação dos piquetes, alegou em Ribeirão Preto que "só foi para lá atendendo convite dos trabalhadores". Segundo ele, a proposta de greve será levada aos bóias-frias, independentemente de os sindicatos aceitarem ou não. "Na reunião de sexta-feira, em Araraquara, deixei claro aos participantes que tinha força suficiente para parar Batatais, Brodosque e Guariba, e estou dando mostras disso", afirmou ele.

Negociação

O início da greve em Batatais foi pacífico, e os poucos policiais deslocados para o único piquete acompanharam as manifestações à distância. Por volta das 8h, os bóias-frias se deslocaram a pé para a sede do sindicato, onde foi elaborada uma pauta de reivindicações.

Alguns dos fazendeiros da região e mais o presidente do Sindicato Rural de Batatais, Mário Alberto de Oliveira, 39, estudaram o documento junto com uma comissão de trabalhadores, mas somente três dos seis itens foram aprovados: registro em carteira, eliminação do "gato" e fornecimento pelos patrões de equipamento destinados à colheita. "As outras reivindicações, diária de Cr\$ 50 mil, saca colhida também a Cr\$ 50 mil e Cr\$ 5 mil por pé de café colhido são inegociáveis", disse Mário de Oliveira, que ontem à noite voltou a se reunir com os produtores do município.

Segundo ele, os preços que vêm sendo pagos hoje (de Cr\$ 8 mil a Cr\$ 20 mil por saca, dependendo da lavoura) estão dentro dos parâmetros normais, isto porque o incentivo para o café está abaixo dos valores reais. "A saca está sendo comercializada a Cr\$ 450 mil, quando o preço deveria estar em torno dos Cr\$ 800 mil", alegou ele.

Fim da Espera

Em Bebedouro, os apanhadores de laranja pararam para reivindicar da Associação Brasileira de Fabricantes de Suco (Abrasuco) a trimestralidade de reajuste salarial, diária de Cr\$ 50 mil e contrato de trabalho com vigência de um ano. "Nós já esperamos demais", reclamou José Nunes Nascimento, 36, presidente do Sindicato dos Trabalhadores, que há mais de trinta dias tenta uma negociação com as indústrias. Ontem, nenhum dos empresários do setor foi encontrado para falar sobre a greve.

A paralisação começou por volta das 5h da madrugada, com piquetes sendo formados no Jardim Cláudia 1 e no Jardim Cláudia 2, além dos itens básicos, a pauta de reivindicações contém ainda a fixação do preço da caixa colhida em Cr\$ 1.500,00 para os pomares com escada, de Cr\$ 2.000 para os pomares sem escada, de Cr\$ 2.500 para os pomares velhos e Cr\$ 3.000 para colheita da laranja temporona. No último acordo, firmado no ano passado, o preço da caixa colhida foi fixado em Cr\$ 246.

(Primeiro Caderno — Página 11)